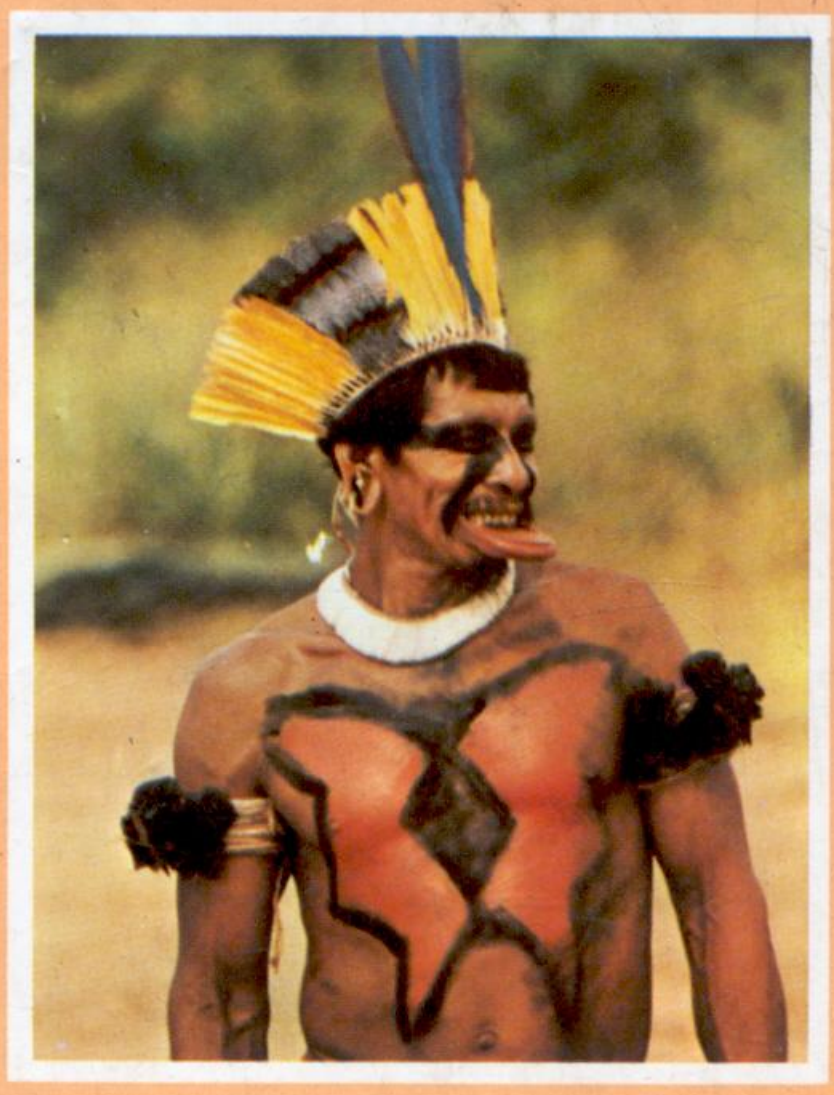
Anthony Seeger

OS ÍNDIOS E NÓS

Estudos sobre Sociedades Tribais Brasileiras



EDITORA CAMPUS

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

APRESENTAÇÃO

ao cap. 2

Os objetos materiais produzidos ou usados em determinada sociedade são denominados "cultura material", com o objetivo de distingui-los de outras formas de produção cultural de uma sociedade, como os mitos ou a música. O estudo da cultura material foi, em determinada época, uma preocupação fundamental da investigação antropológica. No século XIX e no começo do XX, artefatos de todo o mundo foram coletados e comparados, com o objetivo de enfileirar as sociedades a partir de sua complexidade evolutiva e de traçar o suposto progresso da humanidade da "idade da pedra", passando pela "idade do bronze" e pela "idade do ferro", até os dias atuais. A cultura material também foi estudada para estabelecer as relações históricas entre os grupos. Com o declínio do interesse pelos amplos esquemas evolutivos e com um aumento das análises intensivas de sociedades específicas, o estudo da cultura material foi bastante abandonado em prol de um estudo da organização social, da mitologia e do ritual. Entretanto, a cultura material é uma parte importante da vida das pessoas. O que elas fazem, decoram e usam são parte integrante de sua cultura. Ignorar essas coisas é um erro tão grande quanto concentrar-se somente nelas. A dificuldade existente nos estudos da cultura material é em grande parte metodológica: como estudar a cultura material sem cair no estudo de sua variação de grupo para grupo. Este artigo sugere que o primeiro passo é tentar descobrir o significado de uma dada peça do ponto de vista do nativo e o significado das finalidades para que é usada. O artigo concentra-se no significado dos ornamentos Suyá do lábio e da orelha. Isso porque os artefatos relativos ao corpo – inclusive os ornamentos de pena e a pintura corporal – são a parte mais elaborada da cultura material Jê. A cultura material relativamente pouco elaborada referente às atividades de subsistência pode ser comparada com a extrema elaboração da ornamentação corporal. Este artigo foi publicado originalmente na revista americana Ethnology, *vol. 14, nº 3, em 1975.*

CAPÍTULO 2

O SIGNIFICADO DOS ORNAMENTOS CORPORAIS*[1]

No seu ensaio intitulado "Magical Hair" ("Cabelo Mágico"), Leach (1958) coloca dois problemas fundamentais para antropólogos. O primeiro é explicar a aparente universalidade de certas configurações simbólicas (especificamente cabelo e sexualidade); o segundo é a relação entre o que Leach chama "símbolos privados" e "símbolos públicos". Todavia ele considera, como sendo praticamente um problema histórico, exatamente aquilo que pretendo examinar aqui, ou seja, por que uma cultura escolhe um item e não outro para os seus símbolos. Leach escreve (1958: 152):

> Os europeus usam o preto como sinal de luto, ao passo que os chineses usam o branco. Em cada caso, o *status* especial do enlutado está indicado pelo uso de uma vestimenta especial. Mas a questão de por que uma cultura seleciona o preto para esse propósito e outra o branco, é certamente irrelevante e irrespondível.

Existe aqui um problema metodológico. Se traços de cultura, como as cores usadas para o luto, são retirados do seu contexto e comparados em várias regiões do mundo da maneira tornada famosa por Frazer e seguida por Berg, cujo trabalho Leach discute, então essas características podem realmente parecer aleatórias. No entanto, se, ao invés de retirar uma única característica de uma sociedade para exame, procuramos estruturas de símbolos inter-relacionados, então o problema de por que uma cultura usa o preto e outra o branco talvez possa ser explicado e talvez possa aparecer uma lógica subjacente que una os dois sistemas simbólicos. Mary

* Tradução de Carlos Byington.

[1] Agradeço especialmente ao Professor Roberto Da Matta, coordenador do programa de pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro, pelo estímulo das conversas que tivemos, através das quais muitas destas idéias se condensaram na sua forma atual. Quero agradecer também aos Professores Terence S. Turner, Victor W. Turner, Judith Shapiro e Raymond Fogelson, que leram e comentaram partes deste trabalho. Este trabalho foi escrito antes da publicação do livro *Taba do Corpo*, por José Carlos Rodrigues, cuja consulta recomendo.

Douglas (1966) e Victor Turner (1967) consideraram que o corpo e as suas várias substâncias são símbolos referentes fundamentais e que isso pode explicar a semelhança universal de certas configurações simbólicas. Neste trabalho, examino três faculdades humanas – audição, fala e visão – e a ornamentação das orelhas e dos lábios de certas tribos brasileiras à luz dessas considerações.

As sociedades tribais sul-americanas exibem uma grande variedade de ornamentos labiais e objetos de decoração de vários tipos e tamanhos inseridos nos lobos das orelhas ou no nariz, ornamentos penianos de vários tipos e dimensões. Escarificação, cintos largos, tubos no cabelo e diferentes estilos de cabelo encontram-se em muitas tribos. Dentro do pequeno universo formado pelas várias tribos que falam Jê, no Brasil central, existe ainda uma variedade considerável. Os homens Xavante usam pequenos tocos de madeira inseridos nos lobos de suas orelhas e portam estojos penianos (Maybury-Lewis 1967). Os Timbira orientais usam grandes discos na orelha que podem atingir 10 cm de dimensão (Nimuendaju 1943:50), mas não usam estojos penianos. Tanto os Apinayé como os Timbira orientais usam discos nas orelhas, mas não se utilizam de estojos penianos. Fazem um orifício no lábio inferior do homem no qual penduram ornamentos de penas (Nimuendaju 1939). Os Kayapó setentrionais usam estojos penianos, mas penduram pequenos brincos num grande orifício que fazem no lobo da orelha. Os homens também usam discos no lábio inferior (T. S. Turner 1971). Tanto os Suyá como os Kayapó usam discos labiais grossos com um desenho na parte inferior. Da mesma forma que os Timbira orientais, os Suyá usam grandes discos nas orelhas e não se utilizam de estojos penianos. Os ornamentos corporais como os aqui mencionados raramente são estudados no seu contexto cultural. Os estudos tradicionais analisam a distribuição geográfica de um único ornamento e freqüentemente enfatizam a presença ou ausência de ornamentação ao invés do seu significado na sociedade que o usa (*e.g.*, C. Colette 1934; Charlin 1950; Lindblom 1945; Labouret 1952). Existem algumas exceções, entre as quais Lebeuf (1953), que estuda os *labrets* (ornamentos labiais) entre os Fali, Leach (1958), que estuda o cabelo, e o livro de Strathern (A. M. Strathern 1971) sobre os Hageners. Infelizmente temos de admitir que nos faltam dados para estudar os ornamentos corporais em sociedades diferentes (ver Ucko 1969).

A minha análise do significado dos ornamentos corporais entre os Suyá começa com um exame da audição, da fala e da visão entre os índios Suyá de língua Jê do Brasil central[2]. Mostrarei o significado multivocal dos discos labiais (V. Turner 1967) e dos discos auriculares entre os Suyá. Generalizando a partir dos Suyá, discutirei a presença e a ausência de certos artefatos corporais entre as tribos Jê setentrionais. Ainda que esteja preocupado com casos particulares, a minha finalidade é o global. A ornamentação de um órgão pode estar relacionada com o signi-

[2] Os Suyá são uma pequena tribo de língua Jê atualmente vivendo dentro do Parque Nacional do Xingu (Norte de Mato Grosso, Brasil). O autor e sua mulher passaram aproximadamente 15 meses com os Suyá entre junho de 1971 e fevereiro de 1973. Os Suyá são uma tribo setentrional. Estudos recentes das várias tribos Jê incluem Maybury-Lewis (1967), Da Matta (1971), Lave (1967), Melatti (1970), T. Turner (1966), Joan Bamberger Turner (1967) e Vidal (1973). Esses trabalhos seguiram-se às várias publicações de Nimuendaju nos anos 1930 e 1940.

ficado simbólico desse órgão numa sociedade. O ornamento das orelhas e da boca pode perfeitamente indicar a importância simbólica da audição e da fala na medida em que essas faculdades são definidas por uma sociedade específica. Os ornamentos físicos devem ser tratados como símbolos com uma variedade de referentes. Devem ser examinados como um sistema, em qualquer sociedade, ao invés de serem examinados de forma isolada e lúcida, porém enganadora, como tem sido feito usualmente no passado.

O primeiro encontro com os Suyá pode ser estarrecedor. Homens e mulheres trazem pendurados por uma fina camada de pele do lobo da orelha grandes discos de madeira redondos ou folhas ou espirais feitas de folha de palmeira enrolados e pintados com barro branco[3]. Esses discos podem exceder 8 cm de diâmetro. O lábio inferior dos homens é esticado para a frente, formando uma camada fina de músculo por intermédio de um disco elíptico de madeira inserido num orifício feito no lábio. O disco de madeira pode chegar a 7 ou 8 cm. É pintado com cores vermelho-vivo na parte superior e nos lados com urucum (tintura extraída das sementes da *Bicha orelhana L.*) e é deixado na cor natural da madeira na sua parte inferior, com exceção de um pequeno desenho circular próximo a um centro que é pintado de cor preta purpúrea com tinta extraída da fruta *Genipapa americana L.* Muitas fotografias dos Suyá e dos seus ornamentos podem ser encontradas em Schultz (1962). Os homens freqüentemente não usam seus discos auriculares durante o dia, preferindo enrolar a camada fina do lobo da orelha em volta da própria orelha. Eles nunca deixam de usar os seus discos labiais, removendo-os somente para lavar os lábios quando se banham. Para festividades rituais, são fabricados e inseridos novos ornamentos para os lábios e orelhas, que são decorados com fios de algodão e outras elaborações (ver foto na capa).

Os Suyá definem-se como uma tribo diferente de outros grupos por usarem discos nos lábios e nas orelhas, e por cantarem num estilo particular. Afirmam que nenhum outro grupo tem esses três atributos e por isso nenhum outro grupo é completamente humano. Uma sociedade pode revelar muito de si própria através daquelas características que ela mesma escolhe como um termo de comparação com outra sociedade. As sociedades européias e alguns antropólogos têm freqüentemente tomado a tecnologia como parâmetro; os Suyá estabeleceram seus discos labiais e auriculares e o seu estilo particular de cantar como o seu parâmetro, o que justifica a conclusão de que essas características são fundamentais na sociedade deles tal como a percebem.

Os Suyá recebem então informação com todos os sentidos, mas enfatizam mais a audição e a fala como faculdades eminentemente sociais. Homens, mulheres e crianças são socialmente definidos pela sua audição e fala, e os feiticeiros pela sua visão extraordinária. Os animais são classificados pelo cheiro. Comentarei os vários significados em português da palavra Suyá *ku-mba* (alternativamente, *mbai*), que, entre outras coisas, significa ouvir. A seguir, investigo a palavra *kaperni*, que tem

[3] As mulheres do grupo Suyá oriental deixaram de perfurar as suas orelhas no início deste século graças ao contato e a casamentos com outros grupos do Alto-Xingu, que não usam discos auriculares. As mulheres do grupo ocidental continuam a perfurar suas orelhas até hoje.

uma acepção aproximada a "falar". Essas palavras Suyá têm um universo muito maior de significado do que seus equivalentes em português. Para compreender a importância das maneiras de ouvir e falar, torna-se essencial uma análise dos conceitos Suyá.

1. AUDIÇÃO

A palavra Suyá associada com a audição, *ku-mba*, tem uma variedade de referentes além da palavra portuguesa "ouvir". Ela significa ouvir, compreender e saber. O Quadro 1 ilustra esse ponto.

QUADRO 1

KU-MBA: OUVIR

DEFINIÇÃO	PORTUGUÊS	SUYÁ
Recepção física dos sons	ouvir	
Decodificação de unidades de significado semântico	compreender	*ku-mba*
Habilidade de reproduzir unidades, de repetir	saber	

Quando um Suyá pergunta "*hen ga ku-mba?*", ele está perguntando "você ouviu?" e ao mesmo tempo "você compreendeu?" e "você sabe?".

Os referentes da palavra *ku-mba* estendem-se, além disso, incluindo também moralidade para o Suyá. A frase crucial na moral Suyá é *añi mbai kidi* e o seu oposto é *añi mbai mbechi*. *Añi mbai kidi* traduz-se por "não ouvir-compreender-saber" (*añi mbai* é um reflexivo aproximadamente equivalente a *ku-mba; kidi* é negativo). *Añi mbai mbechi* traduz-se por "ouvir-compreender-saber bem" (*mbechi* significa "bom", "lindo"). Quando um indivíduo se comporta de acordo com as normas da tribo, diz-se que ele é *añi mbai mbechi*. Se ele não observa os costumes e a etiqueta, diz-se que é *añi mbai kidi*. Alguns exemplos do uso da frase sugerirão o seu significado. Quando uma criança faz alguma coisa que se recomendou que não fizesse, ela é *añi mbai kidi*. Quando um adulto não compartilha as suas coisas ou a sua comida, mas acumula-as, contrariando aos costumes dos Suyá de partilhar as coisas entre si, diz-se que ele é *añi mbai kidi*. Os que não obedecem às restrições na alimentação e na atividade sexual depois do nascimento de uma criança, de um ferimento de um parente, ou de matar um inimigo (citando apenas três situações de restrição), também são *añi mbai kidi*.

Uma pessoa que é completamente integrada socialmente "ouve, compreende e sabe" claramente. Uma pessoa que ouve e compreende mal, também age mal. Os Suyá não querem dizer que as pessoas *añi mbai kidi* não podem receber os sons (com exceção de uma criança surda, que se comporta mal, mas não é punida, por-

que não pode ouvir). Na realidade, acredita-se que o ouvido seja o receptor e o depositário de códigos sociais, ao invés da "mente" ou do "cérebro". Quando os Suyá aprendem alguma coisa, mesmo algo visual como, por exemplo, um padrão de tecelagem, dizem: "está no meu ouvido".

2. FALA

A fala e a audição são complementares. Da mesma forma que enfatizam a audição, assim também os Suyá colocam grande ênfase na fala. Falar e não falar são atos sociais importantes. Não se deve falar com certas pessoas com relação às quais se sente "vergonha" (*whiasam*). Por outro lado, quando se deixa de falar com pessoas com as quais usualmente se conversa, é um sinal de raiva. A oratória tem uma variedade de formas e é muitas vezes usada agressivamente. Não tendo outros instrumentos a não ser chocalhos, a música Suyá é exclusivamente vocal e certas formas são intimamente relacionadas com formas de falar.

A palavra Suyá *kaperni* também tem vários referentes em português, incluindo linguagem, falar e exortar (ver Quadro 2). Animais, plantas e seres humanos têm uma língua (*kaperni*). Todos eles são diferentes e somente certas pessoas podem compreender a língua de algumas outras espécies. A língua Suyá está dividida aproximadamente em linguagem cotidiana (*kaperni*) e "linguagem da praça" (*ngaihogo kaperni*) que, ou é linguagem agressiva (*grutnen kaperni*), ou "linguagem que todo o mundo escuta" (*mẽ mbai wha kaperni*). Enquanto a linguagem comum é usada no discurso cotidiano por homens e mulheres de todas as idades, os vários tipos de oratória têm um ritmo especial e estabelecem fórmulas, lugares, estilos próprios, para serem desempenhados. Eles são falados por homens inteiramente adultos. Há uma forma que só é falada por chefes e especialistas em rituais.

QUADRO 2

KAPERNI: FALAR

DEFINIÇÃO	PORTUGUÊS	SUYÁ
Sistema convencional de comunicação: gramática, sintaxe etc.	linguagem	
O ato da comunicação	falar	*kaperni*
Um tipo especial de comunicação	orar	

A forma de "linguagem da praça", geralmente restrita ao chefe e aos especialistas em rituais, é chamada de "linguagem que todo o mundo ouve". Os Suyá dizem que dois dos deveres essenciais de um líder são coordenar o esforço grupal e resolver disputas através da oratória. Quando eles acabam de falar, espera-se que todos na aldeia "tenham ouvido tudo" (*mbai wha*). Se as pessoas não agem de for-

ma correspondente com o que foi dito, então são *añi mbai kidi*, pessoas que não ouvem-compreendem-sabem; se agem de acordo com o comportamento ideal, são *añi mbai mbechi*.

A música Suyá é também associada com a fala. Cantar é o máximo da expressão oral, tanto individual como coletivamente. Um tipo de canção é selecionado com um traço de auto-identificação pelos Suyá, junto com o disco labial e auricular. Com exceção de certas flautas que eles adotaram recentemente dos índios do Alto-Xingu, a música Suyá sempre foi predominantemente vocal. Os únicos instrumentos tradicionais são vários tipos de chocalhos. A sua música tem dois tipos principais: canções individuais cantadas em tom agudo (*akia*) e canções uníssonas cantadas num tom muito grave (*ngere*). As *akia* são cantadas somente pelos homens. O principal papel das mulheres nas cerimônicas Suyá é como platéia e como provedoras de comida, não como cantoras. Para cada cerimônia, um homem tem de ter uma *akia* nova. Os homens cantam as suas canções individuais diferentes ao mesmo tempo em ritmo uníssono marcado pelo pé e pelo chocalho. O efeito é de uma cacofonia estridente onde cada homem canta tão alto e tão agudamente quanto possa, de tal forma que o som se destaque de todos os outros e seja ouvido por suas irmãs e amantes. Essa maneira de cantar é uma forma de auto-expressão agressiva que é característica também de várias formas de "linguagem da praça".

Nesta breve discussão da fala e da canção, tentei dar uma idéia da importância do desempenho oral, da sua exortação e instrução. Até mesmo os remédios Suyá enfatizam o oral. Eles usam algumas plantas medicinais, mas acreditam que as encantações sejam de maior efeito e os curandeiros que sopram os seus pacientes são considerados os melhores de todos. (Ver Capítulo 4 deste volume para uma análise mais profunda da música Suyá.)

3. VISÃO

As faculdades da fala e audição são altamente elaboradas e sobejamente valorizadas na sociedade Suyá. É bom ouvir-compreender-saber bem. É importante para um homem adulto falar, cantar e orar. A visão não tem uma elaboração ou uma avaliação tão positiva. A palavra Suyá para ver é mais restrita do que a palavra em Português. Ela não é usada para indicar compreensão (como quando dizemos "eu vejo" ou "está ficando claro"). O olho não é a "janela da alma", e sim o local daquilo que é perigoso e anti-social.

Discutindo as idéias Suyá sobre a visão, a habilidade de ver deve ser discriminada do significado simbólico dos olhos. A boa visão de todo o dia no sentido da recepção saudável dos estímulos visuais aparentemente não tem relação com outros significados que estão aqui em discussão, porque essa capacidade não é simbolicamente elaborada. Os Suyá elogiam um bom caçador que pode flechar com habilidade o peixe e a caça. Não é a sua visão que é elogiada e sim a acuidade de sua pontaria, fazendo referência aos braços. Os remédios da caça são aplicados no antebraço do homem para que ele tenha uma boa pontaria e nunca nos seus olhos. Os atributos da visão são usados todavia para descrever animais. Um animal que é caçado,

mas não morto, tem "boa vista" (*ndo tut*) ou é "selvagem", porque consegue fugir. Quando o animal se apresenta para uma flechada fácil, é porque ele é "fraco da vista" ou é "manso". A ênfase simbólica na visão entre os Suyá está na importância da extraordinária visão possuída somente por feiticeiros (*wayanga*).

Uma pessoa torna-se feiticeira quando o feitiço invisível entra nos seus olhos. Certas espécies de pássaros têm feitiço nos olhos, o que acontece somente com certas pessoas. A "coisa" nos olhos permite à pessoa literalmente "ver tudo" (*somum mbedili*). Pode olhar para cima e ver a aldeia dos mortos no céu, pode olhar para baixo e ver as fogueiras das pessoas que moram debaixo da terra e pode olhar à volta e ver índios inimigos nas tribos distantes.

O feitiço nem é congênito nem herdado. Só entra no olho de uma pessoa que está de alguma forma *añi mbai kidi*, ou imoral. As pessoas tornam-se feiticeiras porque não repartem a sua comida e os seus pertences ou porque não observam as restrições sexuais e de alimentação durante um período crítico. Outras maneiras de se tornar um feiticeiro é por exemplo pisar sobre um túmulo novo, ter relações sexuais com um(a) feiticeiro(a), ou tocar um(a) feiticeiro(a) morto(a). Essas maneiras só funcionam se uma pessoa já está *añi mbai kidi*. Elas não são causas suficientes em si mesmas. Quando uma pessoa não ouve (*ku-mba*) as exortações (*kaperni*) do seu pai, do seu chefe, ou do especialista em ritual, ela está *añi mbai kidi*, está em perigo de se tornar feiticeira.

Os feiticeiros Suyá vêem coisas que as pessoas normais são incapazes de ver. Eles não ouvem-compreendem-sabem da forma como uma pessoa normal deveria saber. Têm a sua própria língua, uma "língua má" chamada *kaperni kasaga* (*kasaga* significa "ruim", "feio"). A "língua má" é o oposto da "língua da praça" em muitos aspectos. Ela só é falada em particular. Não é falada na praça da aldeia. Não tem nenhum estilo oratório especial[4]. Parece ser um tipo de fofoca maliciosa e egoísta.

4. AS FACULDADES SUYÁ E OS ORNAMENTOS CORPORAIS

Para completar minha discussão das faculdades Suyá, falarei sumariamente sobre o "olfato". Considera-se que os animais têm um olfato muito desenvolvido. Os animais também são classificados de acordo com seu cheiro. Assim, existem aqueles que têm "cheiro forte", "acre" e "suave", tendo cada um desses grupos os seus atributos próprios. As coisas que os Suyá classificam como tendo "cheiro forte" também tendem a ser poderosas e de certa forma perigosas. Depois do olfato, as faculdades do gosto e do tato e outros tipos de sentidos são muito menos importantes simbolicamente e são usadas para descrever áreas semânticas muito menores (Seeger 1974).

O relacionamento entre as quatro faculdades mais simbolicamente elaboradas entre os Suyá está autorizado no Quadro 3.

[4] Os Suyá não gostavam de falar a "língua má" comigo. Uma das formas dessa língua envolve o uso do pronome possessivo. Em Suyá nunca se deve dizer "esta é a minha cuia", e sim "esta é a nossa cuia". Ambas as formas existem, mas em algumas circunstâncias a diferença é fundamental.

As faculdades no Quadro 3 estão inter-relacionadas. Numa situação onde uma faculdade está muito enfatizada, as outras tendem a ser menos importantes ou enfatizadas negativamente. Um bom exemplo disso é a cerimônia Suyá. A maioria das cerimônias termina com uma noitada de canto e dança, que começa ao entardecer e termina ao amanhecer logo antes da aurora. Durante a noite os homens andam pela aldeia cantando no escuro. Não se acendem grandes fogueiras e a posição da lua não é importante ao planejar-se a cerimônia. A visibilidade dos dançarinos não é importante. O que se valoriza acima de tudo é que um homem cante suficientemente alto para ser ouvido por suas irmãs e que os homens não parem de cantar durante a noite. As mulheres dão comida a vários parentes ao cair da tarde e funcionam como platéia. Elas não cantam e, usualmente, retiram-se para suas redes durante a noite. Em geral não dormem, mas ficam ouvindo o canto dos homens. Levantam-se com a estrela da manhã para tomar parte nas horas finais da cerimônia. No cerimonial Suyá, então, onde o canto é enfatizado, a visão não é importante e a platéia ouve ao invés de presenciar o espetáculo.

QUADRO 3

AS FACULDADES SUYÁ

ANTI-SOCIAL / SEMELHANTE AO ANIMAL	
Visão enfatizada	*Odor enfatizado*
Característica de feiticeiros e certos pássaros	Característica de animais e coisas anti-sociais poderosas
Órgão: olhos	Órgão: nariz
Ornamento: nenhum	Ornamento: nenhum
SOCIAL / SEMELHANTE AO HUMANO	
Enfatização da palavra e da canção	*Enfatização da audição e da moral*
Característica dos homens adultos	Característica de adultos "bons" de ambos os sexos
Órgão: boca	Órgão: ouvidos
Ornamento: homem adulto – disco labial	Ornamentos: discos auriculares do homem e da mulher adultos

Um exemplo onde tanto a visão quanto a fala não são enfatizados está na relação de "vergonha" (*whiasam*) característica das relações de um homem com os parentes de sua mulher, as suas relações rituais e, em grau menor, os mais velhos quando ele ainda nãc é completamente adulto. Os Suyá numa relação de "vergonha" não olham diretamente um para o outro. Em geral não falam um com o outro e, supostamente, devem ouvir-se com a maior atenção. Os feiticeiros são um exemplo dos que enfatizam a visão acima de tudo: eles falam a "língua má", não "ouvem bem"

e têm uma visão extraordinária. O cheiro não entra no sistema da mesma forma, sendo muito mais uma característica de animais. A audição, a fala e a visão, porém, formam um sistema integrado de faculdades.

Cada faculdade está associada com um órgão ou parte de um órgão. Cada uma também está associada com certos tipos de ser humano ou animal e com certos tipos de comportamento. As duas faculdades consideradas sociais pelos Suyá são elaboradas com ornamentos corporais. Os olhos não são ornamentados, tatuados ou pintados especialmente. O nariz também não tem ornamento.

Os discos labiais ou auriculares estão claramente associados com a importância cultural atribuída à audição e à fala da maneira como são definidas pelos Suyá. Isso se conclui a partir do que dizem os próprios Suyá. Eles afirmam que a orelha é furada para que as pessoas possam "ouvir-compreender-saber". Dizem que o disco labial é simbólico de, ou associado com, agressividade e belicosidade, que são correlacionadas com a auto-afirmação masculina, a oratória e a canção. A cor dos artefatos também é importante. O disco labial é vermelho em cima e no lábio. O vermelho é a cor associada com o calor e a belicosidade. O desenho circular no lado inferior representa a constelação a que chamamos Plêiades. Os Suyá dizem que a constelação no céu é o desenho do disco labial de um homem no céu. O disco auricular está pintado com barro branco. O branco é a cor associada com a frieza, com a passividade. Quando estão pintados separadamente como nas caçadas ou em cerimônias nas quais os homens se tornam "animais", os olhos e o nariz freqüentemente são pintados de preto. O preto é a cor associada com atributos anti-sociais e com feiticeiros.

Os ornamentos corporais Suyá são inseridos em ritos de passagem e constituem marcas de *status*. Eles também assinalam a ênfase social de certas faculdades nas fases particulares do ciclo vital. As orelhas de ambos os sexos são perfuradas ao primeiro sinal de atividade sexual; o lábio dos homens é perfurado quando eles estão grandes (depois dos 15 e antes dos 20 anos), quando atingem uma idade em que podem ser considerados homens completamente adultos. Não se espera que as crianças "ouçam-compreendam-falem" ou se comportem bem. Os Suyá são muito tolerantes com as suas crianças. Contudo, na época da puberdade espera-se que as crianças saibam ouvir as instruções e as exortações dos seus pais e chefes. Aproximadamente nessa idade, os Suyá são considerados *añi mbai kidi* se não observam as normas com relação à atividade sexual, à distribuição de comida e propriedade e às restrições de alimentação e de atividade. Quando os meninos crescem, os lábios são perfurados e eles ingressam na casa dos homens. Enquanto vivem na casa dos homens, isto é, antes de se tornarem pais e de fixarem residência uxorilocal com as suas mulheres, espera-se que os jovens cantem constantemente e dediquem suas energias à fabricação de discos labiais cada vez maiores para si. O uso dos ornamentos corporais é uma distribuição importante para grupos de sexo e de idade. Não se espera que as crianças se comportem moralmente, ao contrário do que acontece com homens e mulheres adultos. Suas orelhas são perfuradas para que atinjam um comportamento correto. Somente os homens adultos podem empregar a "língua da praça", cantar *akia* e ter comportamento agressivo; seus lábios são perfurados para que tenham esse comportamento.

A boca e a orelha são os órgãos mais importantes para o homem Suyá. A audição e a fala são as faculdades sociais mais importantes. O disco auricular e labial é o artefato corporal mais importante. É a representação física de uma elaboração conceptual. Através da perfuração da boca e do lobo da orelha e da inserção de discos pintados, o corpo torna-se socializado. Os discos auriculares e labiais estão relacionados com conceitos fundamentais da pessoa, da moral e do simbolismo das partes corporais.

5. UMA PERSPECTIVA COMPARATIVA: OS JÊ SETENTRIONAIS

Quando nos voltamos para as tribos Jê setentrionais – os Timbira orientais, os Apinayé e os Kayapó do Norte – percebemos uma variação considerável dos ornamentos corporais que foram descritos acima e estão sumariados no Quadro 4.

Os Jê setentrionais são suficientemente semelhantes do ponto de vista cultural de tal forma que as diferenças dos ornamentos corporais parecem indicar diferenças na ênfase de faculdades e de órgãos nos quatro grupos[5]. Os Krahó, que constituem um grupo dos Timbira orientais, entre os quais somente os homens usam discos auriculares, não dão tanta ênfase ao desempenho oral. A oratória não parece ser tão altamente elaborada (Maria Manuela Carneiro da Cunha, comunicação pessoal). Os Apinayé têm uma configuração de idéias sobre ouvir-compreender-saber e moral que se assemelha àquela que descrevi para os Suyá. Mas os homens não usam discos labiais, a perfuração do lábio inferior é mantida pequena e parecem dar menos ênfase ao desempenho oral e à oratória (Roberto Da Matta, comunicação pessoal).

Os Kayapó setentrionais são considerados o grupo lingüístico mais próximo ao Suyá. Como os Suyá, eles usam discos labiais, mas sem desenho na parte inferior. Não usam discos auriculares, mas têm um grande furo nos lobos das orelhas, nos quais penduram um colar preferencialmente de contas brancas ou azuis. Os homens adultos usam estojos penianos. O enigma é saber por que os Kayapó deixam os orifícios das orelhas vazios e usam estojos penianos. De acordo com Terence Turner (1971), os Kayapó furam a orelha das crianças imediatamente depois do nascimento e inserem tocos vermelhos no lobo da orelha para aumentar o orifício. Ao mesmo tempo, perfuram os lábios inferiores das crianças de sexo masculino, mas não aumentam o orifício. Quando a criança cresce, o orifício do lobo da orelha é deixado vazio e o orifício labial é aumentado. Mais ou menos na puberdade os jovens recebem o estojo peniano. Turner afirma que o estojo restringe ao invés de enfatizar a sexualidade masculina (Turner, comunicação pessoal). Como os Kayapó têm idéias sobre a audição e a moral relacionadas com aquelas dos Suyá, o aumento dos lobos das orelhas das crianças poderia indicar uma ênfase na audição social das

[5] Para essa comparação, minhas fontes são Nimuendaju (1939, 1946) nos Apinayé e Timbira (Ramkokamekra) e T. Turner (1966, 1971) nos Kayapó setentrionais. Outros pesquisadores ajudaram-me nessa pesquisa com certos aspectos das sociedades em que realizaram pesquisas de campo.

QUADRO 4
ORNAMENTOS CORPORAIS ENTRE OS JÊ SETENTRIONAIS

TRIBOS	ORNAMENTOS AURICULARES MASCULINOS	ORNAMENTOS AURICULARES FEMININOS	ORNAMENTOS LABIAIS MASCULINOS	ESTOJO PENIANO
Timbira orientais (Ramkokamekra, Nimuendaju 1946)	Presente, disco grande. A orelha é perfurada quando o menino tem 10-15 anos.	Ausente	Ausente	Ausente
Apinayé	Presente, disco grande. Orelha perfurada no primeiro estágio da iniciação. Na idade de 5-15 (?).	Presente, disco grande. Orelha perfurada na mesma idade que os meninos. Não há iniciação.	Presente. Orifício no lábio para penas. Perfuração na mesma idade de que as orelhas. Orifício mantido pequeno.	Ausente
Suyá	Presente, disco grande. Perfuração quando existe maturidade sexual.	Presente, disco grande. Orelhas perfuradas mais ou menos na mesma idade que os meninos, na maturidade sexual.	Presente, disco grande. Perfuração imediatamente antes da entrada na casa dos homens, 16-18 anos.	Ausente
Kayapó setentrionais	Presente. Pequenos brincos de contas nos lobos. A orelha das crianças é perfurada no nascimento e o lobo é esticado. Os adultos usam somente um colar de contas pendurado no orifício grande no lobo da orelha.	Mesmo que para os homens.	Presente. Disco labial grande. Lábio atravessado no nascimento, aumentado somente quando eles estão morando na casa dos homens.	Presente. Estojo peniano dado para os meninos no início da puberdade.

crianças. Entre os Kayapó, o disco labial é inserido e alargado mais ou menos na mesma idade que o lábio é perfurado entre os Suyá. A puberdade está marcada nos meninos Kayapó pela entrega do estojo peniano. Entre os Suyá, o pênis não é um objeto de controle social direto. As orelhas dos Suyá são perfuradas mais ou menos na mesma idade em que os meninos Kayapó recebem seus estojos penianos. Sugiro que, entre os Suyá, o controle da sexualidade seja feito pela perfuração da orelha e pela ênfase de conjunto de valores expressado pelo termo *añi mbai mbechi* – "ouvir, compreender e agir" moralmente. Os Suyá dizem que a relação sexual é má para a audição dos jovens. Uma forma de ser *añi mbai kidi* e de se tornar um feiticeiro é pela falha em observar as várias restrições nas relações sexuais. Os Kayapó setentrionais acentuam esse mesmo controle social sobre os jovens com a entrega dos estojos penianos e enfatizam menos simbolicamente a orelha como fonte de ensinamentos morais. Ambas as tribos atribuem grande importância à oratória e ao canto e os homens de ambas as tribos usam discos labiais. Entre os Kayapó, o controle social parece ser simbolizado pelo controle da sexualidade, ao invés de pela ênfase na moral em geral.

Torna-se tentador ver esses fatos refletidos na incidência do faccionalismo e da fissão tribal encontrada entre os Jê setentrionais. Aqueles grupos que têm discos auriculares grandes são caracterizados por uma fissão tribal menor do que os Kayapó setentrionais. Seria fácil dizer que os Kayapó enfatizam a oratória e a agressão mas não "ouvem" ou "entendem". O mecanismo do faccionalismo Kayapó é, porém, bastante complexo e não e minha intenção examiná-lo aqui.

Aprofundando o nosso estudo e chegando até os Jê centrais, vamos encontrar os meninos Xavante recebendo estojos penianos no início da puberdade. Da mesma forma que entre os Kayapó, os estojos são um mecanismo de controle. "O estojo... indica potência sexual e ao mesmo tempo o controle social ao qual estão submetidos os perigosos poderes sexuais" (Maybury-Lewis 1967: 107). Os homens Xavante têm as orelhas perfuradas no segundo estágio da iniciação, aproximadamente na época em que os Suyá e os Kayapó começam a usar seus discos labiais. Os Xavante não correspondem perfeitamente ao meu esquema, pois dão grande ênfase à oratória e não usam discos labiais. O significado simbólico e a forma do toco da orelha, contudo, é diferente daqueles encontrados nos Jê setentrionais. O simbolismo em torno da audição e da orelha também pode ser diferente. Os tocos na orelha dos Xavante são pedaços finos de madeira e têm um simbolismo mais ativo do que os discos auriculares dos Suyá. Simbolizam explicitamente o falo (Maybury-Lewis 1967: 63). A sua forma e o seu significado são diferentes dos discos auriculares dos Jê setentrionais. Como os Kayapó que não usam discos auriculares, as aldeias Xavante são caracterizadas pelo faccionalismo e pela fissão.

Para terminar, devo mencionar os Erigpaktsa, que estão situados dentro da família lingüística dos Macro-Jê. Os homens dessa tribo usam discos auriculares imensos e nenhum ornamento labial. A fala não é tão elaborada e a sua música é exclusivamente instrumental e não vocal (Robert Hahn, comunicação pessoal).

Para os Jê setentrionais e alguns outros grupos, existem indícios que sugerem que o aspecto do ornamento corporal, a alteração de um órgão num grupo e a sua

falta de elaboração em outro possam não ser aleatórios. Ela pode ser o resultado de ênfase cultural diferente na faculdade em questão.

6. CONCLUSÃO

No meu esforço para descobrir o significado dos discos labiais e auriculares entre os Suyá, usei as categorias Suyá de percepção e expressão e comportamento moral como base para a análise. Uni quatro faculdades num sistema de símbolos inter-relacionados. Corroborei minha análise dos Suyá examinando sumariamente certas tribos afins e encontrando certa confirmação para a interpretação dos meus próprios dados. Um problema, porém, continua. Por que são os ornamentos corporais tão difundidos e tão variáveis na América do Sul e no mundo todo?

No seu trabalho sobre "técnicas do corpo", Mauss (1950: 372) observa que o corpo é o objeto-técnico inicial e mais natural do ser humano. No corpo existe a conjunção dos atributos biológicos, psicológicos e sociais. Alguns autores recentes tendem a concordar que deve ser dada ao corpo e às suas substâncias muita importância como referentes simbólicos. Victor Turner insiste numa multivocalidade de referentes para cada complexo ou símbolo dominante. Nos vários significados vamos encontrar tanto significados sociais como significados psicológicos. De acordo com Victor Turner (1967: 28), todos os símbolos rituais importantes têm 2 pólos:

> Num dos pólos encontramos um núcleo de *significata* que se refere aos componentes de ordem moral e social na sociedade dos Ndembu, a princípios de organização social e a tipos de agrupamento e normas de valores inerentes a estruturas de relação. No outro pólo, as *significata* são usualmente processos e fenômenos naturais e fisiológicos.

Victor Turner (1967: 49-50) também registrou um aspecto dos símbolos rituais dos Ndembu que pode ser aplicado diretamente na minha análise dos artefatos corporais dos Suyá.

> Um aspecto do processo de simbolização ritual entre os Ndembu é, por conseguinte, tornar visíveis, audíveis e tangíveis crenças, idéias, valores, sentimentos e disposições psicológicas que não podem ser percebidos diretamente.

Os ornamentos corporais, acima de tudo, tornam os conceitos intangíveis, tangíveis e visíveis. Os discos auriculares e os discos labiais dos Suyá são símbolos com uma variedade de referentes que unem os pólos dos fenômenos naturais (os órgãos e os sentidos) com os componentes da ordem social e moral. Podemos dizer que os Suyá internalizam os seus valores literalmente "corporificando-os" através das manifestações simbólicas que são os seus artefatos corporais.

Terence Turner (1971: 103) chega a uma conclusão semelhante para os Kayapó setentrionais:

> Os ornamentos labiais e auriculares, o estojo peniano, o estilo do cabelo, fitas de algodão à volta dos braços e das pernas e pintura corporal for-

> mam uma linguagem simbólica que expressa uma grande quantidade de informação sobre o *status* social, a idade e o sexo. Na função de linguagem, porém, essa expressão faz muito mais que simplesmente comunicar essa informação de um indivíduo para o outro: num nível mais profundo, ela estabelece um canal de comunicação dentro do indivíduo entre os aspectos biológicos e sociais da sua personalidade.

Viajando além do Brasil central, vamos encontrar, no mundo inteiro, partes do corpo ornamentadas de formas muito variáveis. Os ornamentos auriculares de todos os tipos são muito difundidos. Discos labiais e placas são menos encontrados, mas outras formas de ornamentação oral como a tatuagem e a pintura são mais comuns. Os olhos freqüentemente são elaborados com pinturas, as sobrancelhas escurecidas ou outras modalidades. Outras partes do corpo podem ser tatuadas, perfuradas ou alteradas de forma variável. Quando ornamentos desse tipo são analisados em termos de simbolismo dos órgãos, das faculdades e dos ornamentos em conjunto, aparecem campos muito atraentes para a pesquisa. Esse trabalho ainda não foi feito; são raros os relatos dos significados dos ornamentos corporais[6]. Posso apenas especular algumas possibilidades.

A alteração do lábio pode freqüentemente estar relacionada com a importância da fala. Pelo menos numa sociedade africana, os Fali, onde as mulheres usam ornamentos labiais, os discos labiais estão associados com a palavra. As mulheres ensinam a suas filhas saberes transmitidos a uma mulher ancestral por um sapo. De acordo com Lebeuf (1953: 1326), a força dos seus ensinamentos está relacionada com a presença de ornamentos labiais que torna as mulheres semelhantes aos sapos.

O significado das decorações das orelhas parece ser também muito difundido. Podem estar associadas com o conhecimento ou com a adesão a códigos sociais. A elaboração ornamental da orelha pode simbolizar uma ênfase nos aspectos sociais da pessoa da máscara ou da figura.

Entre os Suyá, a visão é antitética à audição e à moral. Poderia existir algum tipo de oposição entre visão e virtude social? No Ocidente existe uma tradição de que um indivíduo, para se tornar realmente alguém que conhece as coisas, deve ser cego. O profeta Tirésias, Édipo, a tradição de Homero cego (seja verdadeira ou não), e a figura da justiça com os olhos vendados são somente alguns exemplos onde o verdadeiro vidente deve ser alguém que fisicamente não pode ver. Acrescenta-se a isso a crença bastante difundida no "mau-olhado". Diz-se que indivíduos de má índole não têm "olhar firme" e as pessoas geralmente desviam o olhar quando estão mentindo[7]. Os olhos podem trazer informações à mente que não sejam classificá-

[6] Ucko (1969) comenta sobre isso com relação aos estojos penianos. Em minhas próprias pesquisas sobre ornamentos labiais e auriculares encontrei o fato de que o significado é raramente mencionado. Quando menção existe, ela é usualmente dada como "em função da beleza" ou "por razões cosméticas". Os Suyá também acreditam que os discos labiais e auriculares são "bons" e "bonitos" (*mbechi*). Mas isso nada revela sobre o significado cultural do artefato ou a alteração do corpo. Lebeuf (1953) é uma das raríssimas exceções.

[7] A dilatação e contração involuntárias da pupila podem ser uma característica fisiológica

veis dentro das categorias estabelecidas da cultura. É o fato de ver um fantasma (um "morto" que é "vivo") que produz medo. É o fato de ver o impossível realizado num "milagre" que produz a conversão nos presentes, enquanto aqueles que ouvem falar do fato freqüentemente nele não acreditam.

Algumas sugestões interessantes sobre a audição e a visão na cultural ocidental aparecem em Chamberlain (1905). Escrevendo sobre "a audição em culturas primitivas e audição de palavras", Chamberlain (1905: 125) descreve definições de "audição" num conjunto de sociedades que inclui a sociedade européia.

> Nas várias línguas do grupo indo-europeu, aparece freqüentemente uma correlação entre a "audição" e a "moral e a bondade e a tratabilidade etc.". No latim *obedire* e *obedientia*, de onde emanam o português obedecer e obediência e os seus derivados nas línguas românicas, está contida a idéia de "submissão" e de "dever" relacionada com a "audição e o ouvido"[8].

A ênfase relativa na audição e visão na cultura ocidental mudou no passado histórico. Alguns aspectos dessa mudança foram descritos por Ong (1967) e McLuhan (1962).

Culturas diferentes enfatizam e definem os significados de órgãos e faculdades de formas diferentes. Como sugeri sumariamente, no Ocidente a audição, a fala e a visão se parecem de alguma forma com as idéias dos Suyá. Alguns aspectos do simbolismo corporal podem ser muito difundidos. Todavia, a tendência é haver diferenças nesse nível de comparação. Entre os Suyá, por exemplo, nem a boca nem a orelha é uma zona erógena; os Suyá não beijam. O uso e o simbolismo da roupa constituem um assunto vasto no Brasil. Este apanhado sumário deveria, no entanto, ser suficiente para mostrar que os adornos corporais e o simbolismo corporal não são aleatórios nem dissociados. Em qualquer sociedade, certas faculdades estão simbolicamente enfatizadas e relacionadas com outras faculdades. O exame do simbolismo dos órgãos corporais, das faculdades e da sua ornamentação considerados em conjunto como um sistema simbólico deve produzir a compreensão de valores importantes, o que pode ajudar a definir sistemas simbólicos culturais importantes. Tal exame poderá permitir-nos explicar o que Leach (1958) deixou de lado como aparentemente "irrelevante e irrespondível".

que está na origem de vários atributos anti-sociais ao olho, seja no desenvolvimento desses atributos, seja para reforçá-los.

[8] Se Chamberlain está certo, será interessante rever a história dos brincos nas sociedades ocidentais. Se orelha e obediência estão relacionadas em nossa cultura, então o costume feminino de usar brincos pode estar historicamente ligado a uma representação simbólica da ênfase cultural da submissão e obediência das mulheres. O brinco pode ser uma manifestação visível do conceito de ouvir e obedecer. O uso de brincos por marinheiros poderia também ser incluído nesse padrão.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org